Europa diante de uma nova conjuntura geopolítica: instabilidade política, ameaças híbridas e tensões sociais

Europa ante un nuevo escenario geopolítico: inestabilidad política, amenazas híbridas y tensiones sociales

Europe Facing a New Geopolitical Landscape: Political Instability, Hybrid Threats, and Social Tensions

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo: Freire aborda as recentes derrotas de forças de extrema-direita e as mudanças no cenário político internacional como possiblidades de abrir espaço para novos arranjos diplomáticos e comerciais, com possíveis reflexos nas relações entre Estados Unidos, Europa e América Latina. Entretanto, pondera que a Europa enfrenta desafios significativos, especialmente diante das negociações sobre a guerra na Ucrânia, que podem comprometer sua arquitetura de segurança caso sejam conduzidas sem sua participação efetiva. Paralelamente, a intensificação dos ataques cibernéticos contra infraestruturas essenciais evidencia novas vulnerabilidades à segurança europeia, enquanto a multiplicação de manifestações e greves revela crescente insatisfação social diante das dificuldades econômicas, energéticas e políticas. Esse conjunto de fatores, associado às pressões inflacionárias e aos riscos fiscais, evidencia um cenário de múltiplas crises interdependentes, que coloca à prova a capacidade de articulação dos países do bloco e sua autonomia estratégica no sistema internacional.

Palavras-chave: União Europeia; manifestações na Europa; geopolítica europeia; ameaças híbridas e cibersegurança.

Resumen: *Freire aborda las recientes derrotas de las fuerzas de extrema derecha y los cambios en el panorama político internacional como oportunidades para abrir espacio a nuevos acuerdos diplomáticos y comerciales, con posibles repercusiones en las relaciones entre Estados Unidos, Europa y América Latina. Sin embargo, señala que Europa enfrenta desafíos significativos, especialmente ante las negociaciones sobre la guerra en Ucrania, que podrían comprometer su arquitectura de seguridad si se llevan a cabo sin su participación efectiva. Paralelamente, la intensificación de los ataques cibernéticos contra infraestructuras esenciales pone de manifiesto nuevas vulnerabilidades para la seguridad europea, mientras que la multiplicación de manifestaciones y huelgas revela una creciente insatisfacción social ante las dificultades económicas, energéticas y políticas. Este conjunto de factores, sumado a las presiones inflacionarias y a los riesgos fiscales, pone de manifiesto un escenario de múltiples crisis interdependientes, que pone a prueba la capacidad de coordinación de los países del bloque y su autonomía estratégica en el sistema internacional.*

Palabras clave: *Unión Europea; Manifestaciones en Europa; Geopolítica europea; Amenazas híbridas y ciberseguridad.*

Abstract: *Recent defeats of far-right forces and shifts in the international political landscape may create opportunities for new diplomatic and trade arrangements, with potential implications for relations between the United States, Europe, and Latin America. However, Europe faces*

significant challenges, particularly regarding negotiations over the war in Ukraine, which could undermine its security architecture if conducted without its effective participation. At the same time, the escalation of cyberattacks targeting critical infrastructure exposes new vulnerabilities in European security, while the growing number of protests and strikes reflects increasing social discontent amid economic, energy, and political difficulties. These developments, combined with inflationary pressures, fiscal risks, and the contest to appoint the next President of the European Central Bank, highlight a landscape of multiple interconnected crises that will test the European Union's ability to coordinate its member states and strengthen its strategic autonomy within the international system.

Keywords: *European Union; Protests in Europe; European geopolitics; Hybrid threats and cybersecurity.*

As recentes derrotas da extrema-direita trazem novos ares para o cenário global, inspirando novos arranjos. Após a vitória de Lula no Brasil, Benjamin Netanyahu em Israel e Donald Trump nos EUA, foram derrotados nas eleições parlamentares e Santiago Peña, agora ex-presidente do Paraguai, sofrerá um processo de impeachment, após ter tentado uma renúncia, negada por unanimidade pelos parlamentares do país. Em Israel, onde o contexto ainda não está definido, as eleições trouxeram resultado desfavorável para Benjamin Netanyahu: apesar da vitória de seu partido, ele perdeu a maioria parlamentar necessária para continuar governando. O resultado abriu uma disputa pela formação do próximo governo. Nos EUA, a derrota do Partido Republicano nas eleições de meio de mandato, tiram de Trump o controle político sobre o legislativo na segunda metade de seu mandato presidencial. O resultado inaugura um período de governo dividido, com potencial de confronto entre a Casa Branca e o Congresso, além de trazer um importante freio aos ímpetos do mandatário. No âmbito da política externa, a nova maioria democrata pode influenciar seu financiamento e direcionamento, impactando diretamente as guerras patrocinadas e as políticas tarifárias praticadas pelo governo Trump.

Para a Europa, este novo cenário pode trazer implicações, afinal, a importância dos acontecimentos vai além de suas fronteiras e regiões. É possível esperar uma mudança no equilíbrio político internacional, especialmente em relação a capacidade de influência dos Estados Unidos na agenda internacional, a postura negociadora na guerra na Ucrânia e no patrocínio da guerra no Oriente Médio e à relação entre Europa e América Latina, em especial o Acordo Mercosul – UE.

A derrota republicana pode ter consequências importantes para a União Europeia, como no âmbito da política comercial, uma vez que o enfraquecimento político interno de Trump aumenta a possibilidade de resistência institucional à sua agenda. Já no âmbito da segurança, os impactos são imprevisíveis, pois um Trump politicamente enfraquecido, pode se tornar menos previsível internacionalmente. No momento, Trump intensifica os esforços para um acordo sobre a guerra na Ucrânia, independente do resultado. Para ele, basta um acordo, o que é especialmente perigoso para a Europa, como será abordado a seguir. Em Israel, uma possível mudança política, ainda que diminuta, enseja uma reorientação diplomática no Oriente Médio. Já no Paraguai, em que pese uma oportunidade de reaproximação com o Brasil e consequente fortalecimento do Mercosul, isto não está dado. A crise paraguaia pode criar incerteza política durante a implementação do acordo; aumentar a atenção europeia sobre a estabilidade

institucional do Mercosul; e afetar a confiança de investidores internacionais. Apesar do Acordo estar em vigência provisória, que abrange apenas a parte comercial, o cenário político do cone sul, não enseja, necessariamente, uma ameaça ao Acordo. Pelo contrário, o bloco tende a ser fortalecido com o enfraquecimento das forças de extrema-direita na região.

Quanto à guerra na Ucrânia, sob esta faceta menos poderosa de Donald Trump, uma nova rodada de negociações está convocada para esta semana, ainda sem confirmação sobre uma participação direta da União Europeia. No entanto, para além das históricas divergências que há cinco anos dificultam qualquer acordo, Vladimir Putin joga com a fragilidade de Trump e seu desejo histórico de um acordo a qualquer custo. A Rússia não somente segue com suas reinvindicações territoriais e de segurança, como dobra a aposta, pleiteando que a presença militar da Otan abandone o leste europeu e recue aos patamares anteriores a 1997, colocando em xeque o sistema de segurança europeu. Isto significaria retirar ou reduzir consideravelmente as tropas, os sistemas de defesa aérea, os equipamentos militares, os centros logísticos e as infraestruturas instaladas nos países que aderiram à Aliança após 1997. Os principais afetados seriam a Polônia, a Estônia, a Letônia, a Lituânia e a Finlândia, além de outros países da Europa central e do leste. Estes países continuariam na Otan, mas perderiam a importante presença militar da Aliança em seus territórios, criando uma zona de vulnerabilidade. Em caso de ataque, sob o artigo 5º tais países seriam defendidos, mas a mobilização implicada seria drasticamente retardada, o que colaboraria para a retomada da esfera de influência russa.

Com este movimento, Putin dificulta as negociações e ganha tempo. Vale lembrar que a Ucrânia vem resistindo à invasão e não aceita negociar sua soberania nos termos originalmente pleiteados por Putin: não reconhece como russos os territórios ucranianos ocupados; busca garantias internacionais concretas contra uma nova invasão, bem como a preservação da capacidade militar da Ucrânia; e demanda um cessar-fogo como primeiro passo para negociar a paz.

Para a Europa, a situação é particularmente preocupante, pois o governo estadunidense referenda esta negociação que envolve não apenas o futuro da Ucrânia, mas também uma nova arquitetura de segurança europeia. Os EUA vão levar para a mesa de negociação a temática das relações militares entre Rússia e Otan, além dos clássicos: garantias de segurança para a Ucrânia; mecanismos para evitar novos confrontos; reconstrução econômica do território ucraniano, que talvez seja o tema de maior interesse dos EUA. Entretanto, as declarações otimistas de Trump ainda não foram acompanhadas de concessões concretas suficientes das partes interessadas[1][2]. Obviamente, os europeus estão preocupados com a possibilidade de Trump negociar diretamente com Putin e Zelensky e apresentar um acordo que comprometa a segurança europeia sem participação efetiva da União Europeia. As preocupações da Europa são mais do que legítimas, pois um acordo desfavorável pode permitir à Rússia reorganizar suas forças e iniciar nova ofensiva futuramente, além de legitimar a ocupação militar internacionalmente, e principalmente, ensejar mudanças importantes na arquitetura de segurança europeia, sem a participação dos países afetados.

---

[1] https://www.reuters.com/world/asia-pacific/russias-dmitriev-washington-first-us-contact-since-trumps-midterm-setback-2026-11-05/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 09/11/2026.

[2] https://www.ft.com/content/cb91f234-85af-4686-9cc5-6f6189e0304c?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 09/11/2026.

Enquanto isso, os ataques continuam dando sinais de que a paz está longe de ser alcançada. Com a aproximação do inverno, ambas as partes privilegiam atacar infraestruturas energéticas, imputando grande prejuízo e sofrimento às populações.

Outro tema de destaque na quinzena europeia, foi a mudança de patamar nos ataques cibernéticos, que compõem a chamada guerra híbrida. Os ataques recentes trazem uma mudança na natureza das ameaças cibernéticas à Europa: os hackers deixaram de mirar apenas computadores, bancos de dados e sistemas governamentais e passaram a atingir equipamentos físicos que sustentam serviços essenciais: foram atacados freezers de supermercado e sistemas de refrigeração de bancos de sangue, gerando grandes prejuízos e ameaças aos cidadãos.

Sistemas de refrigeração de supermercados foram manipulados remotamente em diversos países europeus. Redes na Bélgica, Suécia, Luxemburgo e Irlanda foram atingidas. Também houve ocorrências na Alemanha, Itália, Portugal, Romênia, Estônia, Finlândia, Países Baixos e Reino Unido. Em algumas lojas suecas, os freezers chegaram a registrar temperaturas de 50°C.

O episódio mais delicado aconteceu em três instalações regionais do Estabelecimento Francês de Sangue (EFS). Os invasores alteraram os parâmetros de temperatura e descongelamento dos equipamentos que armazenavam plasma sanguíneo. Felizmente, os alarmes funcionaram, os funcionários transferiram os produtos para equipamentos não comprometidos e nenhum material sanguíneo foi perdido. Não houve impacto no atendimento aos pacientes. Esse segundo episódio muda a dimensão da preocupação: não estamos falando apenas de prejuízo comercial, mas de uma tentativa de interferência em uma infraestrutura diretamente relacionada à saúde pública.

Não existe uma resposta para quem estaria por trás dos ataques, mas uma grande preocupação com esta nova modalidade. O problema é que os sistemas de refrigeração estão presentes em uma enorme quantidade de instalações essenciais: supermercados e centros de distribuição de alimentos; bancos de sangue e hospitais; armazéns de medicamentos; centros de armazenamento de vacinas; transportes refrigerados de alimentos e produtos farmacêuticos. Um ataque coordenado contra estas estruturas, pode levar a uma interrupção prolongada, podendo comprometer o abastecimento de alimentos e medicamentos, além de gerar grandes problemas de saúde pública. Estas novas modalidades de ataque podem, inclusive, comprometer a segurança nacional dos países.

Além dos ciberataques, a Europa sofreu com ameaças de suspeita de bombas em vários voos, provocando antecipação de pousos e revistas em bagagens de passageiros, gerando tumulto, transtornos e prejuízos a governos e cidadãos. Nenhuma bomba foi encontrada.

Até o momento, autoridades europeias não apontam suspeitos, assim como não o fazem os principais jornais. No entanto, suspeita-se que seja uma forma de a Rússia testar a capacidade de reação da Europa para ataques cibernéticos. Seria uma tentativa de um governo hostil de se criar e disseminar uma sensação de terror na população, mas até então, o assunto vem sendo tratado como um ataque de origem indefinida. Antes de finalizar a redação do

informe, surgiu uma acusação, por parte do ministro de relações exteriores da França, de que o Irã estaria por trás dos ataques[3].

Como se não bastasse, as manifestações seguem intensas em território europeu, sem uma coordenação unificada e com pautas diferentes e crescentes entre países. No Brasil, vimos as manifestações espontâneas de 2013 gerarem movimentos extremistas como o MBL e depois o bolsonarismo. Da mesma forma, as manifestações que acontecem na Europa podem levar a desdobramentos imprevisíveis e desconhecidos. Em pauta estão temas como custo de vida e economia, abordando salários, inflação, habitação e poder de compra; imigração, com manifestações contrárias e favoráveis; política e governos, com protestos contra decisões governamentais, corrupção e medidas de austeridade; agricultura, com mobilizações de produtores rurais contra custos, regulamentações e políticas comerciais; e geopolítica, com manifestações relacionadas às guerras na Ucrânia e no Oriente Médio. Uma análise publicada pela Al Jazeera em 8 de novembro contabilizou mais de 1.700 manifestações relacionadas ao custo de vida em 31 países europeus desde meados de setembro[4].

Para os próximos dias estão convocadas greves gerais na Espanha, Itália e Portugal. A França promete continuidade das mobilizações sindicais e sociais. Além disso, novas pautas surgem, como uma nova frente de mobilização ambiental e comunitária contra os data centers e a mobilização de trabalhadores portuários contra o transporte de armamentos, a militarização dos portos e em defesa de melhores condições de trabalho. Esta última foi coordenada e envolveu mais de 100 portos na França, Itália, Grécia e Espanha.

A evolução do quadro mostra que as manifestações estão deixando de ser movimentos isolados e passando a reunir diferentes categorias e grupos sociais. Apesar de não haver um movimento europeu unificado, percebe-se convergência de reinvindicações em diversos países.

A Europa vive em um contexto de múltiplas crises, em especial, econômica, energética e de segurança, que se retroalimentam: as guerras comprometem o abastecimento de energia; a energia mais cara pressiona a inflação e a indústria; a perda de poder de compra aumenta a insatisfação social; e a instabilidade social e geopolítica aumenta os custos de segurança e a pressão sobre os governos. Não há evidência suficiente para afirmar que a Europa esteja caminhando inevitavelmente para uma crise generalizada de segurança ou para um colapso econômico, mas existem vulnerabilidades concretas que podem se reforçar mutuamente: a vulnerabilidade energética diante das restrições do fornecimento de gás e às vésperas de um inverno rigoroso; a pressão inflacionária e imobiliária sobre famílias e empresas; a dificuldade política e econômica dos governos de responder às demandas sociais sem comprometer seus orçamentos já comprometidos com o aumento dos gastos em defesa.

Todo este cenário ganha outro pano de fundo: a sucessão da presidência do Banco Central Europeu com a saída de Christine Lagardi. A sucessão entrou oficialmente na fase de disputa política, com uma conexão importante com este contexto. O próximo presidente assumirá justamente quando a Europa enfrenta pressões inflacionárias, vulnerabilidade energética, riscos fiscais e incertezas geopolíticas. A disputa está concentrada em dois

[3] https://www.instagram.com/reel/Dfhy1azABg4/?utm_source=ig_web_copy_link&xtok=NTc4MTIwNjQ2YQ==. Acesso em 09/11/2026.

[4] https://www.aljazeera.com/amp/news/2026/11/8/mapping-how-frances-protest-wave-spread-across-europe. Acesso em 09/11/2026.

candidatos: o espanhol Pablo Hernández de Cos e o holandês Klaas Knot. Ainda não há vencedor nem acordo definitivo entre os governos da zona do euro.

Considerações finais

O conjunto dos acontecimentos analisados revela uma Europa diante de um cenário de crescente complexidade, no qual as dimensões política, econômica, social, energética e de segurança estão cada vez mais interligadas. As recentes derrotas de forças de extrema-direita em diferentes contextos nacionais podem representar uma oportunidade de reorganização política e de fortalecimento de posições multilaterais, mas não significam, necessariamente, uma reversão das tendências de polarização e fragmentação que vêm marcando o cenário internacional. Mais do que uma mudança definitiva de direção, o momento parece caracterizar uma transição, cujos resultados ainda são incertos.

No plano geopolítico, a principal preocupação europeia continua sendo a possibilidade de os Estados Unidos reduzirem seu compromisso com a segurança do continente ou conduzirem negociações com a Rússia sem a participação efetiva dos países diretamente afetados. A guerra na Ucrânia ultrapassou há muito os limites de um conflito territorial: seu desfecho poderá redefinir o equilíbrio estratégico europeu, a credibilidade da Otan e os próprios fundamentos da ordem de segurança estabelecida após o fim da Guerra Fria. Nesse contexto, a disposição de Trump em alcançar um acordo rapidamente, independentemente de seus termos, representa um fator adicional de instabilidade. Para a União Europeia, o desafio será evitar que a busca por uma solução diplomática resulte na consolidação de uma arquitetura de segurança negociada à sua revelia e desfavorável aos seus interesses estratégicos.

Paralelamente, a ampliação das ameaças híbridas demonstra que a segurança europeia precisa ser compreendida para além de suas dimensões militares tradicionais. Os ataques cibernéticos contra infraestruturas físicas essenciais, as ameaças a instalações de saúde e os episódios envolvendo a segurança da aviação evidenciam uma vulnerabilidade que atinge diretamente a vida cotidiana da população. A possibilidade de comprometimento de sistemas de abastecimento alimentar, medicamentos, hospitais e serviços essenciais transforma a cibersegurança em uma questão de segurança nacional e de proteção civil. A resposta europeia exigirá, portanto, não apenas maior capacidade tecnológica e de inteligência, mas também mecanismos de prevenção, coordenação e resposta conjunta entre governos, empresas e instituições responsáveis por serviços essenciais.

No âmbito interno, a multiplicação das manifestações sociais aponta para um desgaste que não pode ser interpretado exclusivamente como insatisfação pontual com governos ou políticas específicas. A convergência de reivindicações relacionadas ao custo de vida, à imigração, à agricultura, ao emprego, à energia e às decisões geopolíticas revela uma crise mais profunda de representação e de confiança nas instituições. Embora ainda não exista uma mobilização europeia unificada, a aproximação entre diferentes pautas e categorias sociais pode favorecer novas formas de articulação política, com consequências eleitorais e institucionais difíceis de antecipar. O risco não está apenas na continuidade dos protestos, mas na possibilidade de que a ausência de respostas concretas fortaleça movimentos antissistema e forças políticas extremistas, que encontram nas crises sucessivas um ambiente propício à ampliação de sua influência.

É justamente na interdependência dessas crises que reside o maior desafio europeu. A pressão energética, as dificuldades econômicas, a insatisfação social e o aumento dos riscos

geopolíticos não constituem problemas isolados. Ao contrário, alimentam-se mutuamente e reduzem a margem de manobra dos governos. Ao mesmo tempo em que precisam responder às demandas imediatas da população, os países europeus são pressionados a ampliar seus investimentos em defesa, fortalecer suas infraestruturas estratégicas, reduzir dependências externas e preservar sua competitividade econômica. A escolha de uma nova presidência para o Banco Central Europeu também se insere nesse contexto, uma vez que a condução da política monetária terá papel importante na capacidade de a região enfrentar as pressões inflacionárias e preservar a estabilidade econômica sem aprofundar as dificuldades sociais.

Diante desse quadro, a Europa enfrenta um duplo desafio: preservar sua coesão interna e, simultaneamente, afirmar sua autonomia estratégica em um sistema internacional cada vez mais instável. Isso pressupõe maior coordenação entre os Estados-membros, fortalecimento das capacidades próprias de defesa e segurança, proteção das infraestruturas críticas e uma política econômica capaz de conciliar estabilidade, competitividade e proteção social. Também exige que a União Europeia deixe de atuar predominantemente como reagente às decisões de outras potências e assuma uma posição mais ativa na definição dos rumos da agenda internacional.

Em síntese, a conjuntura não permite afirmar que a Europa esteja diante de um colapso iminente, mas evidencia que sua capacidade de resposta institucional e política está sendo submetida a um teste particularmente exigente. Os próximos meses serão decisivos para avaliar se as mudanças no cenário político internacional abrirão espaço para o fortalecimento do projeto europeu ou se, ao contrário, as divergências internas, as pressões econômicas e as ameaças externas aprofundarão sua fragmentação. O ponto central é que a Europa não enfrenta apenas uma sucessão de crises independentes, mas uma transformação mais ampla do ambiente estratégico em que está inserida. Sua capacidade de reconhecer essa realidade e construir respostas coordenadas determinará não apenas sua estabilidade interna, mas também seu peso e sua relevância na configuração da nova ordem internacional.